JOSÉ GARDEAZABAL

# QUANDO ÉRAMOS PEIXES

COMPANHIA DAS LETRAS

# . Duas presenças num estaleiro

Acordou, bíblica, absolutamente velada por um lençol de linho branco. A grande luz da ásia ressuscitou-lhe os olhos preguiçosos. Abertos os olhos, com o olhar percebeu o nariz, primeiro, os ombros e os braços, depois a barriga e as pernas. O sexo. Compreendeu. Depois de tantos meses na ásia, Simone ainda precisava de se concentrar para entender que a luz vem da ásia. Tomass sentara-se na cama. Penteava o cabelo, animado pela ideia de atrito, como quem acaricia uma calvície que não a sua. Há bastante tempo que Simone e Tomass eram um casal, há algum tempo que não viviam essa aventura da melhor maneira. Simone levantou o lençol e descobriu a cara, preparada para uma magia má. Ele Tomass, ela Simone. Ele engenheiro, ela arquiteta. O ele e o ela repetiam-se há anos, dia a dia, as duas pontas repuxadas de uma corda esticada há muito tempo. E aqui estavam agora, diante de uma enorme planície vazia, dois missionários cansados.

Lá fora, a ponte interrompida sorria.

Incompleta.

Pedaços da ponte.

*

— Estás aí?

— Estou. E tu? — Tomass sabia a resposta. Não esperou por Simone. — Está um dia lindo.

— Como uma ressurreição, apetece ficar na cama.

O amor entre os dois transformara-se num tipo de amor demasiado humano, no sentido em que seria desumano interromper esse amor. Quanto ao resto, esse amor era agora uma amizade, embora imortal.

Lá fora, no estaleiro, os contentores adormeciam embalados pelas certezas do comércio do mundo. Um deles fora adaptado como habitação provisória, refúgio para o amor ou amizade do casal engenheiro-arquiteta. Duas ou três janelas altas recortadas no aço, uma claraboia de luz amarela, a caixa metálica aterrara ali, vinda do mar alto recheada de ferrugem e cheiros marinhos que sugeriam sensações marinheiras estrangeiras àquele imenso espaço plano, interior, continental, floresta, planície de trigo. De um lado, a cidade, do outro, a ponte e a estepe. Como o meio-oeste americano, este lugar soava-lhes a lugar nenhum. Na sua imobilidade, a metrópole jovem avançava para leste, para o lado de lá do rio do nada, alongando-se pela estepe rumo aos pampas, um deserto africano, a alma mesmo de uma mongólia interior. Ao longe, a extremidade de uma floresta triste lembrava os trópicos, tristes.

— Achas que os outros casais falam tanto como nós?

— Tanto como?

— Tão nus como nós.

— Acho que não.

*

Ainda não dissemos isto: Simone e Tomass estavam os dois nus. E falavam. Habituados a despir-se depois do sexo, para discutir o importante. Imaginar-se nus, pelo menos. Assim deitados, era fácil voltar a adormecer, Simone e Tomass, acomodados na nudez de um domingo de manhã, na companhia do estaleiro ao fundo.

Falam.

E mais não dizemos.

# . O rio do nada

A noite anterior. Simone.

*Quero as esperas e as espécies, as mil pequenas mortes. A morte da primeira primavera e do próximo verão. Quero a minha carne feita espírito, pão e carne outra vez, quero beber todo o vinho de uma religião de amigos. A beleza dos momentos do adeus, ser a quinta estação do ano, árvore, flor, fruta e nada. Apetece-me a literatura do saber dos bichos. A curiosidade de nascer e depois as perguntas. A ferida intolerável do bom. A levíssima solidão da longa alegria.*

A noite anterior. Tomass.

O mesmo ânimo, mas menos literário. Mais apressado, menos itálico. Mais masculino, diríamos. Mais masculino?

A intimidade de Tomass e Simone era pontuada por liberdades e igualdades satisfatórias. Faltava, e mesmo isso não era claro, faltava a solidariedade, esse sentimento entaramelado por baixo da pele dos amantes jovens, na praia, num fim de verão. Não a solidariedade enrugada dos irmãos e dos amigos, sim o tatear fraternal dos corpos que alentam almas exaltadas numa

língua amiga. Essa solidariedade, faltava. Para Simone, o sexo era o exercício de dividir religiosamente tarefas domésticas entre homem e mulher, ou seja, meio a meio. Matematicamente. O sentido de justiça era avassalador, o silêncio, doméstico. Para Tomass, o ato sexual era uma tarefa de casa, mas apenas uma, abraçada agradavelmente por um homem, dia após dia, depois do horário de trabalho.

— Já pensaste em ter filhos?

— Tu sabes que já pensei, Tomass.

— Não gostas de crianças?

— Gosto de crianças, não gosto de filhos. É uma coisa pessoal. — Simone acariciou a sua barriga nua e magra.

— Talvez devêssemos pensar mais em coisas pessoais. Não me perguntas se eu gostava de ter filhos? — perguntou Tomass.

— Não.

— Não queres saber a resposta?

— Tomass, tu sabes que eu sei a resposta.

Um ato falhado, falar de filhos depois de uma relação sexual? Para Simone e Tomass, um efeito colateral da infertilidade.

A Tomass, a expressão ato falhado soava-lhe mesquinha, masculina, saturada de um sentido sexual ostensivo. Interrupção. Descuido. Crueldades semelhantes. Ato falhado? Tomass distraía-se com as suas pequenas mortes, desaprendendo as mil mortes de Simone. Amar é olhar, é atentar, é esforço de relojoeiro. Amar é muito bonito.

# . À transparência

Kurz de pé, próximo da transparência do vidro. Tem o sexo de fora, como habitualmente, é uma maneira de não se sentir sozinho. Kurz está só, como habitualmente. O sexo repousado à sua frente, como uma infeção diante da planície satisfeita, sossegada na margem de lá do rio. Passeia pelo gabinete, nu da cintura para baixo, cigarro nos lábios, os pés castos, o pénis e os testículos as suas metades melhores e mais calmas. Trata-se, julgamos, de um exercício para poderosos. Regressar à adolescência, pior, à infância, a ginástica corporativa recomendada aos líderes do futuro. A ideia? Treinar o sexo frio a tatear o espaço para melhorar o desempenho. É isso ou endireitar os ombros e olhar o céu. Kurz prefere expor o pénis porque é uma maneira de não estar sozinho.

Alguém bate à porta. Uma assistente administrativa. A juventude da mulher rejuvenesce a madeira da porta, do lado de fora. Kurz abotoa a camisa e mantém o órgão indeciso, do lado de fora. A camisa branca, a gravata. Em momentos assim, Kurz gosta de usar gravata.

*

— Pode entrar, minha senhora, pode entrar. — A cantiga do «pode entrar», Kurz conhece-a bem. É um menino mau, um órfão em frente a uma transparência.

# Quando éramos peixes

Simone e Tomass, arquiteta e engenheiro, casal em reconstrução, terminam uma ponte nas margens da Europa, entre Oriente e Ocidente. O ambiente de fronteira, entre uma nova prosperidade e os velhos hábitos despóticos, é o palco de uma interrogação sobre o feminino e o masculino, a sexualidade e o género, cujo protagonista é um verdadeiro triângulo amoroso onde cada vértice ama os outros, e Camille, a filha do autocrata, é objeto do desejo de Tomass e Simone. A inércia da ponte sobre um horizonte onde presente e futuro se confundem com a violência do passado precipita o confronto entre indivíduo e coletivo e expõe as novas máscaras do populismo autoritário. Um romance desconcertante e original que reforça a universalidade da experiência humana.

Companhia Das Letras

«— Posso dar-te um abraço?
— Sinceramente, nos tempos que correm?
— Um beijo?

Um mundo onde os desesperos teriam todos resposta. Anúncio. Homem procura mulher. Mulher procura homem. Corpo procura corpo, gente procura gente. Todos os dias cada apelo encontraria uma resposta, abrindo espaço comercial, tão necessário, aos anúncios do dia seguinte. Um homem e uma mulher e uma mulher e um homem e um homem, todas as combinações, todas as alegrias, nenhum desespero.»

Penguin Random House Grupo Editorial
penguinlivros.pt
penguinlivros
companhiadasletrasportugal
ISBN 9789897846588